

# RELATOS SONOROS EM TEMPOS DE PANDEMIA

**Jorge de La Barre<sup>1</sup>**  
(Organizador)

**Michael David Brasil Nix<sup>2</sup>**

**Dan Rodrigue<sup>3</sup>**

**Diego da Silva Silveira<sup>4</sup>**

**Marcos Cardoso Quaresma<sup>5</sup>**

**Gabriel Goés<sup>6</sup>**

**Ilana Marina Alves<sup>7</sup>**

Daniel Ramalho Grande da Luz<sup>8</sup>

**RESUMO:** Neste pequeno dossiê composto por oito contribuições de alunos da aula de Sociologia da música do curso de graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense, os autores vão registrando os sons ao seu redor durante o primeiro semestre de 2021, quando a pandemia de Covid-19 estava no seu auge. Os oito relatos são precedidos por uma introdução que explica brevemente como se deu o processo de produção desses relatos sonoros.

<sup>1</sup> Professor Associado do Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais (GSOUFF), Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF). E-mail: [jorgelabarre@id.uff.br](mailto:jorgelabarre@id.uff.br);

<sup>2</sup> Estudante de graduação em sociologia no Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (GSO-UFF), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [michaelnix@id.uff.br](mailto:michaelnix@id.uff.br);

<sup>3</sup> Estudante de graduação em sociologia pelo Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (GSO-UFF), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [danrodrigues@id.uff.br](mailto:danrodrigues@id.uff.br);

<sup>4</sup> Estudante de graduação em sociologia pelo Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (GSO-UFF), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [silveiradiego@id.uff.br](mailto:silveiradiego@id.uff.br);

<sup>5</sup> Estudante de graduação em sociologia pelo Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (GSO-UFF), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [mcquaresma@id.uff.br](mailto:mcquaresma@id.uff.br);

<sup>6</sup> Estudante de graduação em sociologia pelo Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (GSO-UFF), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [gabrielgoes@id.uff.br](mailto:gabrielgoes@id.uff.br);

<sup>7</sup> Estudante de graduação em sociologia pelo Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (GSO-UFF), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [ilanamarina@id.uff.br](mailto:ilanamarina@id.uff.br)

<sup>8</sup> Estudante de graduação em sociologia no Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (GSO-UFF), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: [danielgrande@id.uff.br](mailto:danielgrande@id.uff.br);

**PALAVRAS-CHAVE:** Covid-19; Paisagens sonoras; Pandemia; Relatos sonoros; Rio de Janeiro.

## **SOUND REPORTS IN TIMES OF A PANDEMIC**

**ABSTRACT:** In this small dossier composed of eight contributions by students from the Sociology of Music class of the Sociology undergraduate course at Universidade Federal Fluminense, the authors record the sounds around them during the first half of 2021, when the Covid-19 pandemic was at its peak. The eight reports are preceded by an introduction that briefly explains how the production process of these sound reports took place.

**KEYWORDS:** Covid-19; Pandemic; Rio de Janeiro; Soundscapes; Sound Reports.

### **Introdução**

A pandemia de COVID-19 abriu uma janela, e começamos a escutar os sons ao redor de forma diferente – será? Os próprios sons inclusive, talvez tivessem mudado também, ficando mais baixos, quase que nos obrigando a escutar melhor, a ficarmos mais atentos aos sons então rarefeitos. De certo modo, o mundo emudeceu. A vida social desacelerou. Os ritmos mudaram. Festas e sons, quase que pararam de vez. Pelo menos um tanto. Ganhamos em silêncio, em solidão também, talvez. Em alguns momentos durante o dia pelo menos (à noite também), ficamos pensando, escutando um silêncio (sempre) relativo. Tivemos momentos quase que roubados, à confusão sonora habitual. Outras rotinas surgiram também, para acompanhar o ambiente sonoro do nosso novo cotidiano durante a pandemia (ela continua...).

O segundo semestre de 2020 aconteceu no lugar do primeiro semestre de 2021. Foi o momento quando, na aula (virtual) de Sociologia da Música da UFF, lançamos a ideia dos diários sonoros, quase um ano depois do início da pandemia, precisamente na semana do Carnaval que, por óbvios motivos de segurança sanitária, tinha sido cancelado. Com os diários, o objetivo era registrar o novo cotidiano sonoro: o que mudou – o mundo emudeceu mesmo? Os sete relatos que se seguem documentam uns tais momentos de vida suspensa e de escuta atenta – cada um com seu ouvido próprio, claro, como não poderia deixar de ser.

Assim, apresentando brevemente as sete contribuições que constituem o presente dossiê: Michael David Brasil Nix descreve um dia de quarentena, na prática

de estudar e de escutar. Dan Rodrigues aponta para umas novas rotinas de sons e de ouvir. No seu pequeno relato auditivo, Diego da Silva Silveira retrata um dia de trabalho quase normal, se não fosse durante a pandemia. Marcos Cardoso Quaresma propõe um registro objetivo minucioso dos sons ouvidos a determinados momentos do dia, pelo seu “ponto de escuta” – a janela do seu apartamento. Gabriel Góes aproveita de um jogo de futebol assistido em casa na televisão, para ficar atento aos sons e gritos que talvez ocorressem diferentemente se os torcedores não fossem trancados em casa. Ilana Marina Alves aponta, a cada momento do seu dia, os sons escutados dentro e fora de casa. Por fim, ao levar o seu cachorro para passear, Daniel Ramalho Grande da Luz aproveita para ficar atento aos sons ao redor. No posfácio que fecha o presente dossiê, o mesmo Daniel conta como a prática de escrita do diário sonoro levou ao projeto de pesquisa de conclusão de 1 Departamento de Sociologia (UFF/GSO), turma de 2020.2.

Sem dúvida, os momentos de escuta atenta e privilegiada pertencem a quem passou por eles. Ao mesmo tempo, os momentos de escuta falam, e tocam para todos: são sons que, lendo os relatos que se seguem, todos podem escutar. Esses sons, abafados e abaixados, são também os sons que todos escutam em algum momento do seu cotidiano durante a pandemia – uma pandemia que parece não querer calar.

## SUMÁRIO

### **1 Um dia em quarentena**

Michael David Brasil Nix

### **2 Rotina**

Dan Rodrigues

### **3 Relato auditivo no. 1: Repartição**

Diego da Silva Silveira

**4 Ponto de escuta:** Registros diários de paisagens sonoras de uma janela de um apartamento em um prédio localizado em uma rua de um bairro residencial e comercial da cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro

Marcos Cardoso Quaresma

## **5 Sons de Futebol, do Ingá**

Gabriel Góes

## **6 Todos os sons são da minha casa: Nova Iguaçu, RJ**

Ilana Marina Alves

## **7 Ao levar meu cachorro para passear: Um diário sonoro**

Daniel Ramalho Grande da Luz

## **8 Posfácio: Tocar na pandemia**

Daniel Ramalho Grande da Luz

# **1. Um dia de quarentena**

Michael David Brasil Nix

Freguesia, Jacarepaguá, Rio de Janeiro, 8 de março de 2021

8:00

Acordo como sempre ao som da música “In Too Deep”, da banda norteamericana Sum 41. Acabo cantando um pouco e levantando na hora do refrão contagiante. O segundo som vem da persiana sendo levantada, seguida pela janela sendo aberta, e pelo meu cachorro latindo após ouvir eu falar “Vamos”, palavra que ele associa à sua hora de comer, pois vai direto para perto de seu pote. O barulho da ração caindo no pote mescla com o barulho dos carros na rua, e com alguns latidos de cachorros da vizinhança. Ligo o chuveiro, fico reparando nos diferentes sons que a água faz ao cair em minhas mãos e ao cair no chão. A cafeteira elétrica funciona com o jornal da manhã ao fundo, e o som tradicional do Windows sendo iniciado vem de meu computador, e daí em diante o som emitido pelo encontro de meus dedos com o teclado está presente no resto de meu dia. Coloco uma playlist de jazz para tocar, pois auxilia na minha concentração.

12:30

Paro de trabalhar e me dirijo a cozinha para preparar meu almoço. O jazz continua tocando. Duke Ellington e John Coltrane. Abro a geladeira, e penso no que

vou comer. A indecisão faz com que a geladeira emita um apito para alertar que está aberta há mais tempo do que o normal. Decidi comer uma refeição que já estava pronta. As teclas do micro-ondas emitem um som estridente. 2 minutos e 30 segundos depois, 5 apitos subsequentes são gerados, e eu sei que minha comida está pronta.

15:34

Ouçó o vassoureiro anunciar seus produtos à distância.

16:17

O interfone toca bem alto. Meu cachorro late. Outros cachorros latem em resposta. O porteiro avisa que chegou uma encomenda, porém, era engano.

18:00

O jazz para, assim como o som das teclas do computador. Paro de trabalhar e começo a preparar o jantar. Novamente fico reparando no som emitido pela água, desta vez em contato com uma panela de inox. Descaso algumas cenouras e as corto. Faço o mesmo com batatas. Coloco as batatas e cenouras picadas na panela, fazendo outro som diferente com a água. Ligo o fogão, que faz um barulho de ignição ao acionar o gás e acender a chama. Uma moto passa, parecia ter um cano de descarga modificado.

21:40

Ligo o videogame, e então uma festa de sons toma meu quarto. Chego a ficar atordoado com o volume da tv elevado, somado a esta nova percepção sonora advinda deste trabalho. Uma música que desconheço, mas reconheço ser do subgênero do rap, trap, toca no menu inicial do jogo. Meus dedos contrastando com os botões do controle do jogo emite mais sons.

22:55

O som da vez é o da persiana, neste momento sendo rebaixada. Coloco um filme qualquer na TV, apago as luzes e me deito ao som daquele filme enquanto adormeço.

## **2. Rotina**

Dan Rodrigues

Durante o período da madrugada, o volume da televisão fica a 5% no máximo. Os gestos são cuidadosos para não haver a perturbação do silêncio. Raros sons vindos de fora da janela apontam o sono irregular das cachorras, que costumam acordar durante a noite, por vezes derrubando e batendo em objetos e, mais raramente, latindo.

Pela manhã, o silêncio da madrugada é substituído pelo tímido canto dos pássaros, os sons do resto da fauna matinal e o começo da atividade na casa. Passos, conversas ao longe, latidos esporádicos e o aumento geral dos ruídos. Notificações de celular começam a soar, as portas começam a bater indicando que a vida começa a se mover.

Mais perto da parte da tarde, as vozes dos vizinhos começam a aparecer, os sons das unidades próximas. Objetos sendo movimentados, pessoas conversando, passos, batidas. Cantos, bolas quicando, a vida não tem mais nenhuma vergonha de fazer barulho. No fim da tarde para a noite as TVs começam a ligar e fazer mais barulho, a volumes menos contidos. Meu irmão, como jovem adulto, agora tem uma nova rotina de chamadas coletivas de voz no videogame usualmente começando nesse período e indo até a madrugada. São formas que já existiam, mas que estão fortalecidas pelo contexto – um tempo de “viralizações” (Gonçalves, 2020) em que processos anteriores são acelerados e generalizados, intensificados.

Eventualmente, passa lá fora, na avenida, uma ou algumas motos em altas rotações em alto volume em horários de pouco, como a madrugada e cedo na manhã, causando uma relativa perturbação na coerência existente dentro dos sons da parte do dia. Nem todos os ruídos de motores, no entanto, são desagradáveis. Recentemente, um presente ruidoso tem sido muito bem vindo, um pequeno ventilador, que alivia o calor do verão carioca na rotina dentro de casa.

16 de abril de 2021

## **Referências bibliográficas**

GONÇALVES, João Felipe. **Tempo de viralizações**: reflexões temporárias. In: Miriam Pillar GROSSI, e Rodrigo TONIOL (orgs.). *Cientistas sociais e o coronavírus*. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, p. 483-486.

### **3. Relato auditivo nº 1: Repartição**

Diego da Silva Silveira

Chego como sempre às oito horas da manhã na repartição pública na qual trabalho, o que me salta aos ouvidos é o silêncio da sala, mesmo com a presença de quase todos os vintes servidores, que compõem o setor de fiscalização tributária, da secretária de fazenda do município que trabalho. Dentro da sala, só escuto o som das teclas dos teclados sendo batidas. Ao entrar, o silêncio é quebrado, momentaneamente, por um simples “Bom dia”, expressado por mim e respondido por alguns de meus colegas de suas respectivas mesas, após, volta o silêncio e escuto apenas o tintilar dos dedos nos teclados de seus computadores, tic, tic, tic...

Um outro bom dia, e escuto o início de uma conversa, são dois colegas que começam a tomar o cafezinho da manhã, no “canto do café” e colocar o papo em dia, futebol, intrigas políticas da cidade, reclamações da nova administração, problemas do cotidiano, entre outros assuntos. Algum tempo depois, escuto um estrondoso “BOM DIA!!”, é Ana, mais uma colega que chega e já começa a puxar assunto com todos no salão, o silêncio finalmente é quebrado; ao sentar em sua mesa e ligar o seu computador, de imediato, também liga o seu radinho de pilha na JB FM, sua estação de rádio preferida, e o ambiente é preenchido, em um volume baixo, de músicas do Phil Collins, Caetano Veloso, Maria Gadú, Simple Red e outros artistas. O dia transcorre assim, com o silêncio das pessoas, o tic tic dos teclados e a música no rádio, sendo quebrado, uma vez ou outra, por contribuintes que chegam na repartição ou uma conversa rápida entre os colegas de trabalho.

Em um determinado momento, vou em outro setor da secretária levar um processo e aproveitar para conversar com uns amigos do setor, conversa está quase impossível, pois é o período do ano da entrega do IPTU.

O setor é totalmente diferente, ao entrar, você já se depara com um paredão de vozes, o salão está cheio, contribuintes chegando a todo momento em busca de seus impostos, taxas diversas e processos. Da para escutar as conversas entre os contribuintes sentados nas cadeiras azuis e surradas do salão, novelas, acontecimentos mundanos, críticas do atendimento, negociações, futebol, n assuntos. As reclamações daqueles que não conseguiram o que queriam e pegam qualquer servidor que vê pela frente para servir de boneco de Judas na sexta-feira santa e descarregar toda a sua indignação e frustração nele.

Passo pelo corredor que fica atrás do balcão que meus colegas atendem ao público em geral e escuto o atendimento prestado por eles, que neste momento de mudança de administração, além de dar os esclarecimentos de praxe ao contribuinte que está sentado em sua frente, ainda precisa passar para os novos servidores que estão chegando e que se encontram sentados do lado deles, as dinâmicas do atendimento. Tantas vozes, tantos sons, que muitas das vezes temos que aumentar o timbre da voz, para que seu colega possa ouvir um simples “Bom dia”. Posso dizer, que este é o setor “mais animado” da secretária, tanto que nem escuto o som dos teclados.

Chego na pequena saleta, que fica atrás do balcão de atendimento, entro, entrego o processo ao meu amigo, falo uma ou duas palavras, brinco com um colega meu e a situação do seu time de futebol, o Botafogo, paro no bebedor de água, encho a minha garrafa de água e volto para o meu setor.

Saindo daquela cacofonia e voltando para o som marcado dos teclados e do rádio da Ana, tocando a parada musical da JB FM; sento em minha mesa, coloco o fone em um dos meus ouvidos e começo a trabalhar ao som de uma música instrumental que coloco no meu computador de serviço, e assim passa-se o dia.

Dezessete horas, todos começar a desligar os computadores, escuto um “até amanhã” aqui e ali, caminho para saída e escuto o gargalhar dos colegas, conversando depois de mais um dia de trabalho, paro, converso um pouco e vou para o meu carro, ligo o carro, ligo o rádio na KISS FM (rádio de rock), e vou para casa, encerrando assim mais um dia de trabalho.

21 de fevereiro de 2021

#### 4. Ponto de escuta

Registros diários de paisagens sonoras de uma janela de um apartamento em um prédio localizado em uma rua de um bairro residencial e comercial da cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro

Marcos Cardoso Quaresma

Registros diários de paisagens sonoras

Período: 19 de fevereiro a 22 de março de 2021

Tempo total de escuta: 5 horas

Período Descrição das fontes sonoras registradas no período estabelecido para a escuta.

Sexta-feira 19 de fevereiro- 15h35min-15h50min

Operação de equipamentos do sistema de ar condicionado de lojas, motocicletas, serra elétrica.

Sábado 20 de fevereiro-18h45min-19h00min

Operação de equipamentos do sistema de ar condicionado de lojas, murmúrio produzido por conversas dos empregados de um restaurante e dos motoboys responsáveis pelo “delivery”, voz de uma criança ao longe.

Domingo 21 fevereiro-11h15min-11h30min

Operação de equipamentos do sistema de ar condicionado de lojas, alguém tossindo, som sequencial de duas notas imitando aquele que precede aos avisos nos aeroportos.

Segunda-feira 22 fevereiro-7h15min-7h30min

Avião, carros passando na rua, buzinas, canto de passarinhos, cachorros latindo, motocicletas, vozes ao longe.

Terça-feira 23 fevereiro- 6h45min-7h00min

Operação de equipamentos do sistema de ar condicionado de lojas, cachorro latindo, carro passando, buzina.

Quarta-feira 24 fevereiro - Não houve escuta nesta data

Quinta-feira 25 fevereiro- 10h15min-10h30min

Operação de equipamentos do sistema de ar condicionado de lojas, furadeira, avião, serra elétrica.

Sexta-feira 26 fevereiro- Não houve escuta nesta data

Sábado 27 fevereiro- 11h15min-11h30min

Operação de equipamentos do sistema de ar condicionado de lojas, murmúrio produzido por conversas dos empregados de um restaurante e dos motoboys responsáveis pelo “delivery”, alguém batendo numa superfície metálica.

Domingo 28 fevereiro-12h00min-12h15min

Vozes de criança, voz de um adulto, operação de equipamentos do sistema de ar condicionado de lojas, cachorros latindo, buzina.

Segunda-feira 1 março-9h15min-9h30min

Serra elétrica, operação de equipamentos do sistema de ar condicionado de lojas, furadeira, um tipo de máquina barulhenta operando (talvez uma compactadora de lixo),

caminhão freando.

Terça-feira 2 março- 5h00min-5h15min

Bomba d'água, operação de equipamentos do sistema de ar condicionado de lojas, carro passando na rua, moto passando na rua, som sequencial de duas notas imitando aquele que precede aos avisos nos aeroportos.

Quarta-feira 3 março. Não houve escuta nesta data

Quinta-feira 4 março. Não houve escuta nesta data

Sexta-feira 5 março-6h25min-6h40min

Serra elétrica, operação de equipamentos do sistema de ar condicionado de lojas, pingos d'água batendo nos toldos, buzina, moto passando na rua.

## **5. Sons de Futebol, do Ingá**

Gabriel Góes

21 de fevereiro de 2021, Sala, Ingá

Os gritos de comemoração pelo segundo gol do jogo que pode ter dado o título brasileiro para o Flamengo são diferentes dos gritos de 2019. Em 2019, pessoas gritavam nas ruas. Agora os gritos são abafados pelas paredes dos apartamentos, quando mais fáceis de se ouvir, são os gritos pelas janelas.

23 de fevereiro de 2021, Play do prédio e quarto, Ingá

A falta de barulho no play do prédio no final da manhã. Antes da pandemia tinham vozes, chaves de pessoas chegando ou saindo, crianças brincando. Hoje, o silêncio. Enquanto o play está em silêncio porque as pessoas estão em casa, no apartamento vizinho o barulho de obra. É a terceira obra em apartamentos diferentes nos últimos meses, como se a pandemia estivesse acabado.

25 de fevereiro de 2021, Sala, Ingá

A rua parecia um pequeno estádio de futebol durante o jogo. Em 2019 o barulho das comemorações era alto, mas não comparáveis com o de agora porque eram menos pessoas em casa. Hoje, a cada gol do São Paulo vinha o grito de quem torcia contra o Flamengo. Gritos juntos, como uma torcida na arquibancada de um pequeno estádio. A cada gol do Internacional, que, no final, era anulado, os gritos voltavam. A cada anulação de gols do Internacional, o que seria o outro lado do pequeno estádio, os outros apartamentos, gritavam em resposta.

No final da noite, no final do jogo, um lado se silenciou enquanto o outro comemorou do seu lado da rua, do seu lado da arquibancada.

27 de fevereiro de 2021, Quarto, Ingá

O que era silêncio já não é mais. Consigo escutar, do décimo terceiro andar, as músicas da festa no salão do prédio.

## **6. Todos os sons são da minha casa: Nova Iguaçu, RJ**

Ilana Marina Alves

20 de março de 2021 - 09:17

Escuto meu próprio áudio e de fundo, o barulho dos pássaros.

22:40

Os gambás que invadem meu quintal parecem estar brigando um com o outro produzindo um barulho alto e estranho.

21 de março

14:05

Ouvi uma música sugerida pelo YouTube: Ella Mai (gostei).

14:56

Ainda ouvindo Ella Mai e outras músicas sugeridas.

16:02

Ouçó os filhos da vizinha (4 crianças entre 2 e 11 anos) brincando de pique-esconde.

18:20

A vizinha está brigando (alto) com um de seus filhos que aparentemente não tomou banho.

20:05

Minha mãe está em uma vídeo-chama, rindo e falando bem alto. Quase não ouço a TV e me incomodo.

22:03

Ouçó o trem.

23:54

O grilo parece estar aqui dentro. Parece que no banheiro.

22 de março

07:45

Despertador.

08:50

Na aula, só ouço, mas não ouço muito.

09:30

Minha mãe interrompe minha aula para falar sobre suas plantas.

10:06

Minha mãe me interrompe novamente pra falar de algo que não escuto até ela perceber

que ainda estou na aula e sair.

12:36

Ouçó músicas no YouTube como Rihanna, Beyoncé, Mariah Carey, as antigas. 18:03

Ouçó uma das crianças da vizinha chorar.

18:16

Ouçó a vizinha gritar.

20:22

Minha mãe está em uma vídeo-chamada rindo e falando alto.

22:05

Ouçó o trem.

23 de março

07:45

Despertador.

07:53

Assisto a aula, o professor fala sobre legislação aduaneira.

16:05

Entro na aula e é a primeira vez que ouço minha voz no dia, eu disse "boa tarde" apenas.

19:40

Minha mãe chega, conversamos.

24 de março

07:45

Despertador.

07:55

Mais uma aula, ouço o professor com seu sotaque chileno falar sobre as tendências da guerra.

14:20

O telefone toca, atendo e ouço que a Dona Rosa faleceu de Covid-19 (patroa da minha mãe).

18:54

Estou no enterro e escuto um pouco do que cada um tem pra falar sobre a vida de Dona Rosa.

00:59

Minha mãe e eu conversamos sobre o futuro, pelo tom de sua voz, tem medo, tristeza e insegurança.

25 de março

07:45

O despertador tocou, mas ignorei. Só queria o silêncio.

6 de abril 12:05

Ouçó os barulhos das panelas enquanto sinto o cheiro de peixe, pelo barulho, é frito.

16:56

Vou ao mercado escutando música. Tocava um pouco de tudo.

9 de abril -18:45

As crianças da vizinha estão brigando bem alto.

13 de abril - 14:55

Recebo a ligação de um amigo depois de talvez dois anos e fico muito feliz.

16 de abril - 23:23

Os gambás que visitam meu quintal toda noite estão brigando (Eu acho) o barulho é chato e alto.

17 de abril - 19:30

Alguém me chama no portão e eu ignoro, devido ao Corona.

19:44

Uma das crianças está aprendendo a falar e quando eu escuto (eu escuto porque o quintal é próximo a janela do meu quarto) eu adoro. Essa criança tem uma voz muito fofa. Eu nunca a vi, mas pela voz, fico imaginando seu rosto.

18 de abril - 13:46

O som da TV super alta.

16:27

Minha mãe está falando sozinha, ou melhor, discutindo.

20 de abril -12:03

Barulho de comida na panela enquanto sobe um cheiro muito bom.

21 de abril - 17:26

Eu e minha mãe, que tem deficiência auditiva, estamos vendo TV. A TV está bem alta e ela quase não entende muito porque escuta esporadicamente em um dos ouvidos.

20:34

A vizinha está brigando com seu marido e pela queixa, eu concordo com ela.

22:34

Ouvi uma música nova e gostei (Bruno Mars e Anderson Paak, "Leave the Door Open").

26 de abril -23:55

A rua comemora a saída da Viih Tube do Big Brother.

28 de abril - 09:35

Ouçó meu próprio áudio e percebo que o trem tinha passado enquanto eu falava e eu não tinha ouvido conscientemente.

22:39

O barulho da chuva é bom mais quando muito, dá medo. É o caso agora.

## **7. Ao levar meu cachorro para passear: Um diário sonoro**

Daniel Ramalho Grande da Luz

18 de fevereiro de 2021

Ao ser finalizada a aula de Sociologia da Música na qual foi discutido o texto “Sonoridades e cidade” (Mendonça, 2009), quando foi proposto o registro desse diário sonoro levei meu cachorro para passear e fazer suas necessidades, como de praxe. Ao caminhar pelas ruas vazias do sub-bairro da Muda, no interior da Grande Tijuca, busquei me atentar aos diversos sons componentes de sua paisagem sonora, tendo pela primeira vez em mente os conceitos resgatados por Mendonça.

Primeiramente me atentei aos sons intermitentes de alguns carros, depois fui notando sons mais tímidos que comumente passam despercebidos, abafados inconscientemente. Destes sons o que mais me chamou atenção foi o som de latidos de cachorros, pios de pássaros e até algumas cigarras, que normalmente soam em dias quentes. Depois, percebi ao chegar à esquina outros sons começarem a se misturar em ruídos, com a passagem de alguns carros, um deles com o rádio relativamente alto, se chocando com o zumbido de uma caixa de energia. Outro som, que ao prestar mais atenção foi possível notar, foi o barulho de algumas cisternas de água.

19 de fevereiro de 2021

Acordei com um ruído que parecia ser o de uma esmerilhadeira ou de uma serra ecoando entre os prédios. Parece vindo de uma obra do outro lado do meu quarteirão. Depois, os barulhos da obra ao lado da minha vila se intensificaram, ecoando o atrito de máquinas de corte e algumas marteladas.

À noite levei meu cachorro para fazer suas necessidades e ficou nítida a mistura rítmica entre motores de carros e motos, as quais majoritariamente eram de entregadores de aplicativos como foi possível observar.

A ausência de um "ruído" específico me fez falta: a vociferação e as caixas de som estouradas que costumavam ocorrer noite adentro no famoso Bar Nevada, conhecido localmente como “Bar da Marlene”, e no Bar do Espanhol, na esquina da

minha rua, onde jovens se aglomeravam antes da pandemia para beber, jogar sinuca e se aventurar no karaokê. Hoje, estava em funcionamento apenas o Bar da Marlene e contava apenas com alguns clientes silenciosos.

Em contraponto ao me aproximar do Bar Cotidiano, que fica mais próximo ao meio da rua, de maneira respeitosa ao distanciamento social (vale ressaltar), me deparei com uma aglomeração de corpos e vozes.

21 de fevereiro de 2021

Hoje à tarde, o bairro foi tomado por gritos em uníssono. Três foram as vezes, até agora, em que os torcedores do Flamengo tiveram o prazer da comemoração de gols contra o time do Internacional em sua expressão sonora, composta por gritos e fogos de artifício.

Entre os gols, silêncio quase absoluto, com exceção de alguns veículos e pássaros, como Bem-te-vis, cantando.

22 de fevereiro de 2021

A chuva fez parte da composição da paisagem sonora do bairro na tarde de hoje, e mesmo ruidosa, porém, foi possível escutar os sons da labuta de ambas as obras próximas ao prédio onde moro, tanto em momentos de maior intensidade das gotas pesadas castigando os telhados quanto nas estiagens.

Ultimamente me parece, também, que alguns “ruídos” antes abafados pelo meu inconsciente estão vindo à tona com meus exercícios de escuta. Enquanto escrevo agora pela madrugada, um ruído particularmente irritante está praticamente me perfurando os tímpanos de maneira sutil, algo semelhante ao barulho que o meu ar-condicionado centenário faz, mas não tenho certeza da fonte.

23 de fevereiro de 2021

Mais uma vez ao levar meu cachorro para “passear”, aproveitei para realizar a escuta da paisagem sonora dos arredores de onde moro.

O que me chamou atenção desta vez foram barulhos de portões se fechando e alarmes soando para avisar aos moradores dos prédios e vilas de que aqueles não haviam fechado. Outro som, já mais habitual, porém, se percebia mais ruidoso: o

deslocamento de veículos automobilísticos, provavelmente por se tratar de um “horário de pico”, acabou provocando uma certa monotonia sonora na paisagem.

Mais a noite, como eu particularmente já esperava, houve um evento sonoro mais peculiar. A comemoração pela saída de uma das participantes do reality show “Big Brother Brasil” foi semelhante aos gols relatados anteriormente aqui, com gritos e fogos de artifício ecoando pelo bairro.

24 de fevereiro de 2021

A escuta mais uma vez foi feita por mim ao levar meu cachorro pelas ruas residenciais nos arredores do meu quarteirão. Ao passar perto de um bar mais escondido, o qual só tive conhecimento de sua existência a poucos dias atrás, quando notei duas pessoas conversando em sua fachada, escutei uma música, um forró bem pé-de-serra. Fui até o final da rua deste bar e voltei, me deparando com um entregador do iFood cantarolando o mesmo forró que ainda tocava ali.

Outro som bastante presente na minha percepção no dia de hoje, foram vociferações de televisores vindas de algumas casas e apartamentos, e suas transmissões variavam entre novelas e telejornais.

25 de fevereiro de 2021

Ironicamente o único momento que me atentei aos sons exteriores neste dia foi durante a aula, entre os sons característicos de pombos abrigados embaixo das telhas sobrepostas do prédio ao lado, a cacofonia se compôs ainda por conversas em apartamentos vizinhos junto ao soar dos carros na volta pra casa, ao levar em consideração o horário (por volta das 19 horas).

Depois ainda foi possível ouvir vozes, indistinguíveis entre si, de torcedores ensandecidos com a vitória do Flamengo na final do Campeonato Brasileiro, marcada também por fogos de artifício.

26 de fevereiro de 2021

Por volta das 15 horas precisei ir ao mercado perto de casa (o mercado fica a dois quarteirões daqui). Ao pegar minhas compras e me posicionar no caixa, a atendente me perguntou se eu tinha o meu CPF cadastrado. Tendo eu respondido que não, ela se virou para uma colega de trabalho e disse: “Tá vendo? Ninguém registra o CPF, pra quê pedir?” Um questionamento pertinente na minha concepção, aliás.

27 de fevereiro de 2021

Senti falta de escutar algo ao levar meu cachorro na rua (nunca falei o nome dele aqui, mas só para registrar, ele se chama Remela) então decidi abrir o aplicativo Spotify no meu celular a procura de algum álbum, quando me deparei com um lançamento da banda "Menores Atos" de uma gravação ao vivo registrada em um show que eles haviam realizado em São Paulo, no Centro Cultural São Paulo, tocando alguns singles como "Pressa" e faixas marcantes de dois de seus álbuns de estúdio como "Doisazero", "Sobre Cafés e Você" e "Serenio". Ao longo do álbum me lembrei de maneira praticamente automática de um show dessa banda no Circo Voador em dezembro de 2019 por conta do vociferar da plateia presente na gravação.

Uma das mais belas paisagens sonoras experienciadas por mim, mas que transcende a pura experiência sonora, não para dar lugar a uma experiência sensitiva contempladora do "visual", e sim por conformar uma experiência multidimensional sentida pelo corpo com o calor e os movimentos; a troca de abraços com amigos e pessoas desconhecidas e, é claro, em plano auditivo; a gritaria desenfreada de cordas vocais empenhadas em se arrebitarem reverberando as músicas tocadas. Um espaço amplo de abandono do estresse e de acolhimento, que transmite uma sensação de pertencimento.

1 de março de 2021

Mais um dia sem muitos sons, além de carros e motos passando pelas ruas, alguns pássaros cantando pela manhã, cachorros latindo pelo início da noite e um ar-condicionado barulhento no início da madrugada do dia 2 de março.

Curiosamente algum vizinho acabou de ligar um aparelho de som, tocando alguma música que soa como hip-hop (no meio da madrugada).

2 de março de 2021

Ao sair para passear com o meu cachorro, entre as 8 horas e as 8 horas e meia, escutei logo uma música vinda do apartamento vizinho, algo que ocorreu mais duas vezes ao longo do trajeto percorrido. A primeira música era um pop com uma sonoridade bem anos 80, enquanto a segunda era um instrumental clássico, bem erudito, e a terceira, na verdade, não foi possível de identificar pois ao me aproximar a música acabou e percebi os ruídos da programação de uma estação de rádio.

Além disso, percebi em diversos prédios vozes de pessoas conversando, crianças brincando e alguns bebês chorando. Perto da subida de uma das comunidades próximas ao meu prédio, um rapaz estava mandando um áudio, falando que continuaria a fazer seus “beats”, finalizando a conversa com: “tamo junto pai”.

4 de março de 2021

Acordei mais um dia sob os barulhos ritmados de marteladas e serras elétricas. Pouco depois, o barulho característico de uma vassoura, que ao menos parecia muito de piaçava, se reverberou de fora para dentro do meu apartamento. Durante o passeio com o Remela, mal consegui ouvir sons que se distinguissem dos carros, apenas alguns sons de ar-condicionado e músicas vindas dos dois bares que ficam na esquina próxima a minha casa.

Na virada da madrugada para o dia 5, um evento sonoro peculiar, mas, simultaneamente, familiar para a maioria dos tijucanos, tomou as ruas de maneira inesperada: aproximadamente cem motos esbravejando seus motores em uma massa de ruídos tão intensa quanto disforme e perturbadora no famoso “rolezinho da madrugada”.

8 de março de 2021

Ao preparar meu almoço, uma série de sons vindos da obra que se localiza de frente para a janela da cozinha compunham uma paisagem sonora caótica. Entre britadeiras e gritaria, o elevador de carga rangia suas engrenagem e pesados objetos eram arremessados, aterrissando bruscamente sobre superfícies, ressoando como tal, enquanto o alarme de ré de um caminhão tocava e os carros passavam na rua. Tantos sons formavam uma grande orquestra ritmada nos tempos exóticos das percussões performadas por marteladas.

9 de março de 2021

Passei por um prédio quando estava, como de costume ao realizar tais escutas, passeando com o meu cachorro, e escutei o barulho de ferramentas aparentemente sendo utilizadas para sua manutenção e mais a frente, deparei-me com o som de uma gaita sendo soprada de maneira desprezível. Caminhando um pouco mais, o barulho de uma vassoura sendo arrastada sobre a calçada me veio aos ouvidos, ruído seguido da voz de uma pessoa falando ao celular e de portões de ferro sendo batidos.

10 de março de 2021

No início da tarde, ventos fortes contornaram os prédios, carregando folhas mortas das calçadas, sacudindo árvores e fazendo com que sinos dos ventos ressoassem.

11 de março de 2021

Em meio ao evento sonoro do trânsito de volta pra casa, carros e motos soavam seus motores e ocasionais carros que passavam deixavam vazar os sons de seus aparelhos de rádios, transmitindo músicas e noticiários.

Em uma rua secundária nos arredores, mais silenciosa, pude escutar do outro lado da pista o barulho de uma máquina de cartão. Mais à frente um ar-condicionado fazia seu trabalho ruidoso enquanto suas tímidas gotas soavam ao cair em cima de uma poça claramente formada pela goteira. O abrir de alguns portões me chamou atenção por reproduzir o som metálico característico de trancas eletrônicas. O bar, o qual fica mais escondido próximo à esquina do meu prédio, estava aberto hoje mesmo com as limitações impostas ao funcionamento de estabelecimentos pela prefeitura, mas ao contrário dos dias anteriores, nos quais registrei atividades sonoras no lugar, o silêncio predominava.

12 de março de 2021

Agora a noite passei por um outro bar na rua de trás. Alguns senhores estavam discutindo e um deles falou: “Isso é conversa de homem para homem”, enquanto ao fundo tocava alguma música pop e um telefone chamava. Depois, na rua secundária que fica bem em frente ao meu apartamento, escutei uma conversa em uma língua que parecia ser árabe (e talvez fosse, pois, alguns árabes que vendem salgados nos clássicos carrinhos de comida de rua moram nos arredores).

14 e 15 de março de 2021

Nesses dois dias, um evento diferente me tirou completamente da rotina: a gravação de uma sessão ao vivo com a minha banda Antiética. Um trabalho exaustivo de repetição e estresse que vale ser ressaltado aqui devido à intensidade do som. Entre testes para ajustar os volumes, para que pudéssemos nos escutar e executar as músicas; os sons improvisados entre uma música e outra gravada; sem citar, ainda, as

repetições sonoras; meus ouvidos zumbiam e se aliviavam devido ao contraste com essa mesma intensidade de massa sonora.

Também é interessante notar como a reprodução massiva de um mesmo som se torna algo similar a um eco inconsciente, algo que, fazendo um pouco de esforço, pode-se perceber de maneira semelhante à desconsideração de ruídos cotidianos os quais ignoramos por sua constante reprodução, porém, em seu extremo oposto, pois esse som se repete sem parar.

16 de março de 2021

Em mais um passeio vespertino com o meu cachorro, deparei-me com o barulho de uma serra cortando uma árvore. Já em outra rua mais afastada, escutei um telefone tocando e em seguida uma menininha falou para o Remela: “Oi, cachorro!”, em seguida rosnando pra ele. Na mesma rua, na esquina com a rua do meu prédio, pude ouvir um rapaz cantando, despretensiosamente: “Lalaia-lalaia laia”.

17 de março de 2021

Carros passando em ritmo lento, a buzina do rapaz que vende pão, um carro de som anunciando uma loja de massas (pizzas, esfirras, calzones...), o barulho de bicicletas em uma rua menos movimentada e o som de um sintetizador vindo de algum aparelho sonoro no condomínio em frente à minha vila/prédio.

18 de março de 2021

Passando pela rua de trás escutei um senhor falando ao telefone em tom profético: “Maldita, maldita diabetes... O senhor vai refazer os exames e o senhor tá curado... Vai fazer uma oração poderosa... Já curou... Tá bom querido, qualquer hora pode ligar... Amém, glória a Deus”. Mais à frente, na mesma rua, algumas mulheres conversando numa sacada emitiam burburinhos.

22 de março de 2021

Ranger da porta do elevador, cisterna trabalhando, carros passando periodicamente, latidos ecoando ao longe, árvores e sinos dos ventos balançando ao bater das correntes de ar, barulho de esgoto corrente, forró no aparelho de som: a composição de uma paisagem sonora caótica.

23 de março de 2021

Mais uma vez a cacofonia do trânsito, ocultada pelo inconscientemente, subitamente é arrastada ao plano consciente ao iniciar do exercício de ausculta (mais um passeio com o Remela). Era possível escutar alguns aparelhos de rádio e televisão entre os periódicos carros que passavam, inclusive um que vinha de dentro de uma loja de estofados fechada, localizada em uma das ruas de trás.

24 de março de 2021

Do meu quarto, escutei batidas rítmicas de um martelo marcando um tempo abstrato ao fundo do som alto de um aparelho estéreo com graves fortes que reproduziam um Trap nacional, entre barulhos de animais (pássaros e cachorros) e os costumeiros sinos dos ventos que vez ou outra soam com a brisa. Pouco depois, o som reproduzido pelo aparelho sonoro para e um assobio soa.

## **Referências bibliográficas**

MENDONÇA, Luciana Moura. **Sonoridades e cidade**. In: Carlos FORTUNA, e Rogério Proença LEITE (orgs.), Plural de cidade. Novos léxicos urbanos. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 139-150.

## **8. Posfácio: Tocar na pandemia**

Daniel Ramalho Grande da Luz

No decorrer do processo de escrita do diário e tendo como base a escuta dos ambientes e de sua composição sonora em um recorte espaço-temporal em meio à pandemia de Covid-19, veio-me à tona um silêncio angustiante que me levou a repensar o tema da minha monografia. O que me fazia falta era, e continua sendo, a vivência no circuito musical independente, principalmente de rock e hardcore, na cidade do Rio de Janeiro, algo que não vivo desde o segundo mês de 2020. O silêncio que me angustiou, e ainda me angustia de certo modo, é a ausência de sons que eram, para mim e para tantos outros, uma forma de alívio do estresse do dia-a-dia – além de ser uma forma de trabalho para muitos (aqui também estou incluso pois ocupo os vocais e guitarras de uma banda de hardcore denominada Antiética desde 2017), de mobilização e socialização.

Essa intimidade com o cenário me provocou uma série de interrogativas, como: o que houve com a cena de rock underground carioca durante esse período? Os artistas da cena estão produzindo? Se sim: como? Se não: porquê? Como esses artistas vêm sobrevivendo? E as produtoras de eventos e espaços de realização (bares, estúdios, etc.)? Como esses agentes vêm sobrevivendo, com as limitações encontradas para a realização de shows presenciais?

Essas questões, por sua vez, me levaram a discutir com o meu orientador (professor La Barre), a possibilidade de iniciar uma pesquisa sobre as atividades dessas bandas durante o último ano. Posteriormente, já com um material acumulado, realizei uma série de entrevistas com bandas e produtoras, a fim de ganhar uma melhor compreensão da situação.

A experiência de relato do diário sonoro vem sendo crucial para a reflexão e desenvolvimento da monografia, por ter me proporcionado pensar a microestrutura social desses locais de realização musical, por meio da ausência da dinâmica sonora regular durante a pandemia. O silêncio gerado pelo cancelamento de diversos shows e produções musicais, desde março do ano passado, incentivou uma série de situações inéditas. Por exemplo, a realocação do fazer musical para locus virtuais de convivência, através de live streams.

É perceptível um campo de pesquisa que abre para uma escuta das paisagens sonoras, a partir da pandemia e seus impactos tanto nos vazios deixados, quanto nos novos preenchimentos e nas reconfigurações sonoras em diferentes locais.